

A Nova Guerra Fria de Silício – Por Mário Portela

written by Mário Portela | 29 de Agosto, 2025

OCIDADAÇÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Mário Portela



Durante séculos, as guerras travaram-se com espadas, canhões e tanques. Hoje, as armas são invisíveis e cabem dentro de servidores climatizados em *bunkers* de betão. Chamam-se **algoritmos de inteligência artificial**, e já não servem apenas para recomendar séries na Netflix. Servem para espiar, manipular eleições, vigiar populações inteiras e até decidir quem vive ou morre num campo de batalha.

Não, não é o enredo de um filme do James Bond. É o noticiário do século XXI.

Os **Estados Unidos e a China** jogam este xadrez tecnológico como gladiadores digitais. Os primeiros, apoiados por gigantes como a Microsoft e a Google. Os segundos, com uma máquina estatal que investe biliões e não pergunta pela ética. Pelo meio, a

União Europeia tenta ser árbitro, aprovando regulamentos e códigos de conduta, como se fosse possível parar um maremoto com um balde de areia.

O resultado? Estamos numa **nova Guerra Fria**. Só que, desta vez, os mísseis foram substituídos por semicondutores e os tanques por redes de vigilância facial. A corrida não é apenas para criar tecnologia, mas para **definir os padrões globais** – porque quem dita as regras controla o futuro.

E se a geopolítica já é preocupante, o impacto no dia a dia não é menos assustador. *Fake news* fabricadas em massa por IA, vídeos *deepfake* tão perfeitos que enganariam até a tua mãe, exércitos de bots a manipular eleições e drones autónomos a decidir alvos sem intervenção humana. **É a guerra sem rosto**, sem sangue nas mãos – mas com mortes reais.

Entretanto, países como Portugal tentam encontrar o seu lugar neste tabuleiro. Criamos “*estratégias nacionais de IA*” e “*gasodutos de inovação digital*”, mas arriscamo-nos a repetir a história: de potência marítima a estância turística digital, sempre dependentes de quem tem os grandes navios – ou neste caso, os grandes algoritmos.

E é aqui que entra o paradoxo: quanto mais avançados nos tornamos, **mais vulneráveis ficamos**. Um apagão tecnológico, um ataque cibernético ou até uma tempestade solar, e de repente voltamos à Idade da Pedra... ou pelo menos à do papel e caneta.

No fim, não é a nação com a IA mais poderosa que vai sobreviver. É a que souber **adaptar-se, questionar e resistir**. Porque, como dizia Tesla, não vence o mais forte nem o mais inteligente, mas quem tem capacidade de se adaptar.

E se achas que, sozinho, não tens poder neste jogo global, lembra-te de uma coisa: até o ditador mais implacável perde o sono com um simples mosquito no quarto.

Foi disso que falamos numa conversa aberta que podes ouvir,

refletir e comentar.

☐ Ouve o episódio 16 de IA & EU aqui mesmo...